

Interesse e verdade: neoliberalismo e mentira

Tales Ab'Sáber¹

Resumo: No período que antecedeu a crise financeira mundial de 2008 todos os agentes econômicos centrais envolvidos na crise negaram com todas as forças – teóricas, midiáticas e políticas – a realidade concreta da crise que produziam. No entanto, algumas vozes, desde o final dos anos 1990, apontavam com força e precisão a iminência de uma crise recessiva que teria impacto global. Os agentes que recusavam a realidade da crise assim a aprofundaram, e a história funcionou aqui como paradoxo, operando um mecanismo de defesa típica da perversão, a recusa da realidade do que não era o impulso imaginário e simbólico do objeto fetiche. A gestão do grande mercado da economia mundial passa a necessitar de um processo de análise inconsciente, pois, como dizia Marx, “eles não sabem o que fazem, mas o fazem assim mesmo”.
Palavras-chave: crise financeira – neoliberalismo – fetiche – análise inconsciente – Marx.

Abstract: In the period preceding the global financial crisis of 2008 all central economic agents involved in the crisis denied with all present forces - theoretical, political and media - the reality that produced the crisis. However, some voices from the late 1990s, pointing with force and precision an imminently recessionary crisis that would have global impact. The agents refused to reality deepened the crisis, and the story ran here as a paradox, operating a typical defense mechanism of perversion, denial of reality that was not the imaginary and symbolic fetish object. The management of the large market of the world economy starts to require a process of unconscious analysis, because, as Marx said, “they don’t know what they do, but they do it anyway.”
Keywords: financial crisis – neoliberalism – fetish – unconscious analysis – Marx.

1 Tales A.M. Ab'Sáber, psicanalista, professor do Departamento de Filosofia da Unifesp, autor de *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica* (Hedra, 2011) e *A música do tempo infinito* (Cosac Naify, 2012).

“*O sistema do dinheiro alucina de um modo particular.*”
Giles Deleuze

Relembrando os embates de interesse, bem disfarçados ou, se preferirmos, confirmados à força como ciência e racionalidade universal humana, que tentavam dar nome ao que não podia ser dito, à gigantesca crise do sistema financeiro mundial que aconteceria no final do ano de 2008, e que alcançou em cheio o próprio mundo produtivo, Joseph Stiglitz apontou para a imensa ironia da história, com suas aparentes múltiplas leituras, mas todas muito bem ordenadas por *um único sistema de poder*, um certo *oligopólio da opinião* estabelecido entre mercado e Estado, ordenador da atual globalização capitalista, mas cujas contas *reais* acabam sempre por chegar:

Quando nos reuníamos em diversos encontros anuais, como o Fórum Econômico mundial de Davos, no inverno europeu, comparávamos nossos diagnósticos e tentávamos explicar porque o dia da verdade, que alguns de nós via se aproximar com tanta clareza, ainda não havia chegado. Nós, os economistas, somos bons para identificar forças subjacentes; mas não para fazer previsões temporais. No encontro de Davos de 2007, eu me vi em uma posição embaraçosa. Nos encontros anuais anteriores, eu previra problemas ameaçadores com crescente intensidade. Contudo a expansão econômica global prosseguia em seu ritmo normal. A taxa de crescimento global de 7% praticamente não tinha precedentes e trazia boas notícias até para a África e América Latina. Eu explicava para a plateia que isto poderia significar que minhas teorias básicas estavam erradas, ou que a crise, quando chegasse, seria mais difícil e duradoura.²

2 Joseph Stiglitz. *O mundo em queda livre*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 22.

Não há dúvida de que a força da argumentação econômica da globalização neoliberal, tida por seu próprio campo social e prático como científica e *não ideológica*, se apoiava amplamente sobre o estrito controle dos continentes simbólicos da grande mídia pública e social mundial, em um grau de positividade confirmadora do interesse particular de tal escala e intensidade que talvez só tenha sido conhecido nas grandes ditaduras, muito próprias do antigo século XX. Tal propaganda, por vezes comprada, por vezes vendida, por vezes gesto de pura cortesia de interesses sociais articulados à grande acumulação de gestão global, ocupava o lugar central de ciência, de *teste experimental da realidade*, diria Freud, de *real*, diria Lacan³, no circuito simbólico mundial que antecedeu o *crash* de 2008.

Só a interpenetração dos espaços do *dinheiro em si* e dos amplos circuitos simbólicos plenamente a favor desta única potência humana, e a sua liberdade exclusiva, expressos em uma cultura única da expansão de mercadorias e da sinalização constante da positividade simbólica do valor na própria forma da circulação da mercadoria, a cultura geral do consumo conspícuo, que colonizou todos os níveis do imaginário social na primeira década do século XXI, poderia sustentar o seguro caminhar rumo ao abismo que este mundo de fato conheceu, *sem que em nenhum ponto do sistema a crítica, ainda existente, pudesse chegar a operar minimamente*.

O controle político da opinião pública pelos interesses hegemônicos do poder da propriedade de mercado, da posse do imenso dinheiro global que buscava voar livremente sobre as vidas e o planeta, principal *sujeito* da história, que controlava

3 De fato, como hoje sabemos, o *real* no caso era a crise.

e corrompia amplos setores da mídia global nele imiscuída, sempre bem disfarçado de *ciência*, quando não pura celebração e bajulação da coisa, também se expandia por representantes diretos sobre a esfera dos Estados-nacionais – a começar pelo pacto consanguíneo Wall Street, Federal Reserve, governo americano⁴. Tal imensa articulação de interesses orientados em uma única direção representou nos anos que antecederam a quebra de 2008 um verdadeiro *monopólio do sentido das coisas*. O dinheiro liberado praticamente colonizou todo o desejo da expressão pública, moldou a mídia a seu favor e multiplicou e expandiu o seu único mundo, para mais e mais consumo, mais ou menos como único gesto humano válido.

Este campo homogêneo da ação do dinheiro e da sua cultura alcançou o grau de espetacular clivagem entre as noções imaginárias da razão econômica da desregulamentação e da liberdade gozosa absoluta para o capital, com sua plena expressão na forma mercadoria e seu novo imaginário global, *e o resultado final catastrófico na esfera dos países reais*, finalmente liquidados em suas garantias e direitos sociais e na população trabalhadora de sociedades inteiras *desempregadas, acontecimentos negativos*

4 “Uma estrutura relativamente coerente que chamamos de Novo Sistema de Wall Street deve ser entendida como tendo gerado a crise. Mas além do argumento anterior, devemos observar outro aspecto crucial dos últimos 20 anos: a extraordinária harmonia entre operadores de Wall Street e reguladores de Washington. Típicas da história americana são fases de grande tensão, não apenas entre Wall Street e o congresso, mas também entre Wall Street e o Executivo. Isso ocorreu, por exemplo, em grande parte dos anos 1970 e início dos anos 1980. Mas uma convergência ocorreu claramente no último quarto de século, sinalizando um projeto bastante bem integrado.” (Peter Gowan. “Crise no Centro. Consequência do Novo Sistema de Wall Street.”. In: *Revista Estudos Avançados - USP*, n. 65, Janeiro/Abril, 2009, p. 60.)

para muitos simplesmente impensável no mundo criado por aquelas razões de fantasia econômico financeiras gerais.

O elemento político e midiático do fenômeno, o controle estrito dos espaços de opinião e reflexão pela ordem dos interesses de ganhos máximos e imediatos não foi um dado exterior à crise, compondo o seu pano de fundo necessário e eficiente, até o limite da mais séria ruptura, muito negada nos fóruns do poder simbólico financeiro até o último minuto histórico. Quem no passado, como alguns economistas neokeynesianos, ou teóricos sociais críticos, imaginou que o controle amplo do capital sobre o espaço público e o campo da cultura minava as bases de uma democracia efetiva, tendendo a uma lógica mais ou menos total de controle dos sujeitos, de afirmação muito particular de classe sobre o mundo da vida, e sobre a vida alheia – bem ao contrário do que prega o edulcorado cânone liberal clássico – estava, nesta escala das coisas mundiais, rigorosamente certo.

Se as coisas não foram assim, então vejamos a estratégia real de *alavancagem* do aparelho ideológico *mercado-político* americano da época, conhecido como Fox News. Este canal noticioso fazia parte do conglomerado de mídia de Rupert Murdoch, megaempresário global conservador que também revelou-se ao final do período um mafioso real, com o episódio da ampla corrupção de seu Sunday News inglês – que comprava desde a polícia até políticos para gerar a informação marrom com que alimentava a vida das massas pobres – abertamente pró capital global e pró guerra americana no mundo islâmico.

A Fox News se formou e cresceu no período mais intenso da gestação das crises gigantes dos anos 2000, vendendo os ideais que a moveram:

Antes de assinar contrato para comandar a nova rede, Roger Ailes exigiu que Rupert Murdoch conseguisse sua distribuição a cabo em todo país. Normalmente operadoras de cabo como a Time Warner pagam provedoras de conteúdo, como a CNN ou a MTV, pelos direitos de transmissão. Murdoch virou este jogo de ponta cabeça. Ele não só entregou a Fox News de graça, como pagava às operadoras até US\$ 20 por assinante para levar a Fox News a 25 milhões de residências. ‘A oferta de Murdoch chocou o setor’, escreve seu biógrafo Neil Chenoweth. ‘Ele estava disposto a gastar meio bilhão de dólares só para comprar uma voz nos noticiários.’ Antes de ir ao ar a Fox News já tinha garantido um público de massa, comprado e pago. Ailes elogiou a ‘ousadia’ de Murdoch, acrescentando: “Isto é capitalismo, e é uma das coisas que fez os Estados Unidos ser tão grande.”⁵

Sem dúvida comprar abertamente o seu público no mercado e moldá-lo ativamente aos próprios interesses, sendo estes coincidentes com a lógica radical de não intervencionismo do grande dinheiro, produz muita grandeza na esfera quantitativa do capital. E também revela muito francamente um mundo de indivíduos bastante disponíveis para os negócios do poder, gravemente comprometidos com a heteronomia, sujeitos que não coincidem minimamente com os valores liberais, de autonomia e de liberdade, expressos correntemente na sua própria cultura de imensas distorções democráticas. São provavelmente estas pessoas, compradas como público de massa por uma rede de

5 Tim Dickinson. “Na toca da raposa – Como Rogers Ailes criou a máquina de medo da Fox News”. In: *Folha de S. Paulo, Ilustríssima*, 26 de fevereiro de 2012, pág. 7.

televisão, e cuja opinião é de fato mercadoria, *insumo de uma indústria*, aquelas a respeito de quem Adorno um dia disse que *deveriam ter vergonha de dizer a palavra eu*.

Os resultados desta empreitada de administração social e subjetiva agressiva pró-mercado total, que teve início, não por acaso, em 1996, e se desdobrou com enorme sucesso nos EUA com a realização da expressão quase fascista do movimento hiperconservador conhecido como Tea Party, que surgiu muito bem articulado e *alavancado* pela rede televisiva durante os anos 2000, são bem conhecidos. Hoje a Fox News chega a 100 milhões de casas americanas, 98,5 % de seu público é branco. Se pesarmos os valores políticos do telespectador de um programa típico da tevê, como *Hannity*, ficamos sabendo que 86% é pró-empresas, 78% é conservador cristão, 75% é partidário do Tea Party, 73% é a favor da NRA, o lobby americano das armas, 73% não apoia o direito dos gays e 84% acham que o governo interfere demais na vida econômica...⁶ E foram precisamente estas opiniões, que são efeitos do estado contemporâneo do capital, com seu mundo criado por elas próprias, de liberdade econômica radical e de individualismo sem nenhuma solidariedade, as que estavam no fundo das práticas que de fato quebraram o mundo capitalista desenvolvido, com seus operadores premiados em particular, com bônus de milhões, caminhando sobre a catástrofe mais geral.

O controle da comunicação e o círculo de auto alimentação da opinião pela máquina do dinheiro tornou-se tão extremo e tendente à homogeneidade, implicando em tal concentração consentida de poder, que até mesmo políticos conservadores americanos começaram a acusar o golpe:

6 *Idem*.

Resta saber se Roger Ailes conseguirá seus dois objetivos: atingir a meta de US\$ 1 bilhão em lucros anuais [*em 2010 o lucro da Fox foi US\$ 816 milhões*] e destronar Obama com um de seus candidatos-empregados [*Newt Gingrich, Rick Santorum e Sarah Palin foram empregados da tevê*]. De todo modo ele pôs o partido republicano na sua folha de pagamento e o obrigou a recriar-se em torno da imagem de Roger Ailes. Ailes é o presidente e hoje o movimento conservador se reporta a ele. ‘Originalmente nós republicanos pensávamos que a Fox trabalhava para nós’, disse David Frum, ex- redator de discursos de Bush. ‘Agora estamos descobrindo que nós é que trabalhamos para a Fox’.⁷

Foi por criações culturais desta ordem que John Keneth Galbraith, uma espécie de keynesiano sênior americano, se expressou com singeleza antes de morrer, mas muito precisamente, em uma espécie de *estilo tardio* da literatura econômica, sobre a natureza do pacto aprofundado entre interesse econômico corporativo e o seu desenho radical do espaço público da opinião, a criação do novo aparelho ideológico de Estado submetido e fundido ao mais forte aparelho ideológico geral de mercado – o seu célebre *novo estado industrial*, já identificado nos anos de 1970, que se tornou, para mantermos a sua lógica essencial, o *novo estado financeiro* dos anos 90/2000. Exatamente entre a grande crise do estouro da bolha da internet do início dos anos 2000 e a catastrófica crise mundial do final da mesma década, Galbraith formulou a ideia da vida americana como uma cultura, e uma cultura econômica geral, da *fraude inocente*, ou da *fraude legal e consentida*, ou seja uma cultura prática que tende à perversão democrática:

7 *Idem.*

Assim como o voto dá autoridade ao cidadão, na vida econômica a curva da demanda confere autoridade ao consumidor. Nos dois casos há uma dose significativa de fraude. Tanto no caso de eleitores quanto de consumidores existe um formidável e bem financiado controle da resposta do público. (...) Na política e nas eleições o efeito da persuasão das massas – pela televisão e pela oratória convencional – sobre a escolha do eleitor é considerada aceitável. Para isso grandes somas de dinheiro são aplicadas abertamente. E há uma persuasão muito mais extensiva, muito mais dispendiosa, muito mais competente, que envolve o controle do mercado, dirigida não a votantes, mas a consumidores. Nasce da associação de programas de notícia e de entretenimento, para ganhar o apoio de compradores. Esse é um custo considerado normal nos negócios, até mesmo destacado. Lança-se mão do talento teatral e musical mais bem sucedido e mais bem pago. Artistas que outrora buscavam patrocinadores, escritores que se preocupavam em ganhar leitores, gerentes cuja principal preocupação já deve ter sido a produção de bens e serviços dedicam-se agora à formação das respostas de mercado.⁸

E o economista, com dificuldades bem fundadas de integrar a própria leitura ao credo neoliberal hegemônico, àquilo que também no período um George Soros, com muito conhecimento de causa, chamou de *fundamentalismo de mercado*, avança a crítica à própria construção do que se tornou o núcleo simbólico de toda a vida capitalista, o *significante mestre do mundo de*

⁸ John Kenneth Galbraith. *A economia das fraudes inocentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 28.

mercado, ordenador e referência primeira e final da vida das nações e simbólica:

Acreditar numa economia de mercado em que o consumidor é soberano é uma das formas de fraude mais difundida. (...) À medida que o poder sobre a inovação, a produção e a venda de bens e serviços passou para a mão do produtor e se afastou do consumidor, o volume desta produção se tornou a primeira indicação de sucesso social. Os avanços econômicos e sociais são medidos pelo aumento da produção total de bens e serviços, o Produto Interno Bruto (PIB). (...) A composição do PIB não é determinada livremente pelo público, mas por aqueles que produzem as coisas que o compõem. Em grande parte, isso é resultado da persuasão envolvente e talentosa do mundo econômico, inclusive de seus economistas. O que ocorre com o PIB? Seu tamanho e sua composição são determinados sobretudo pelos produtores. O bom desempenho é medido pela produção de bens e serviços materiais. Não pelo nível de educação, literatura, artes em geral, mas pela produção de automóveis, incluindo aí os grandes SUVs: eis a forma de medir hoje o sucesso econômico, e portanto social. (...) Medir o sucesso social exclusivamente pelo volume da produção determinada pelos produtores – o aumento do PIB – é mais do que uma pequena fraude.⁹

O *verdadeiro liberal*, como dizia Adorno a respeito deste tipo de pensador, chega exatamente às mesmas conclusões do pensamento crítico sobre a natureza do controle da cultura e do desejo, de modo que ambos indicam uma fragilização, se

9 *Idem*, pp. 30 a 32.

não uma falência, do *sujeito* nas culturas de mercado total, do indivíduo que é *assujeitado* no universo bem controlado e quase fechado da tautologia da cultura de mercado, onde tudo e todos estão orientados para a escalada do PIB, e para sua realização na vida de mercado. De fato, intelectuais *verdadeiramente liberais*, como Galbraith, ou Daniel Bell, por exemplo, simplesmente não conseguem negar a realidade daquilo que a teoria social crítica chamou de *regressão*, o falso e travado movimento emancipatório da razão sobre a forma capital, ou seja, o resultado empobrecedor das múltiplas e cruzadas alienações do mundo da produção, do consentimento social e do consumo programado, o desenho realizado da vida entre a produção e a circulação das mercadorias para o controle político do grande mercado industrial capitalista, agora desmaterializado e universalizado à força em um grande jogo financeiro mundial.

Como não poderia deixar de ser, os critérios ideológicos dos aparelhos de Estado e de mercado apontam exclusivamente para o valor simbólico duvidoso da *forma mercadoria* como objeto de uma hegemonia totalitária no mundo da vida, e para a afirmação constante, espelhada no código do espetáculo e do fetichismo, de quantidades brutas de dinheiro em abstrato, o PIB concentrado, com o seu mundo dos senhores dos *bonus* – rigorosamente controlado politicamente em seu conteúdo, como acentuou Galbraith – como a medida da qualidade geral da vida; por outro lado, vida alienada ao extremo no trabalho sem garantias, o que deve ser chamado de *trash job*, e *na cultura do risco constante*, com o resultado de, no máximo, *uma vida do mínimo material e simbólico* para a imensa maioria de pobres que continuam compondo a parte da população global que foi *mais ou menos* integrada ao mercado.

Os pensadores críticos formularam a mesma dinâmica

de uma cultura fixada na violência fraudulenta, descrita por Galbraith, setenta anos antes:

A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime do monopólio, mais todo poderosa ela se torna. Os motivos são marcadamente econômicos. Hoje, quando o mercado livre vai acabando, os donos do sistema se entrincheiram nela. Ela consolida os grilhões que encadeiam os consumidores às grandes corporações. (...) Os custos da publicidade garantem que os detentores do poder de decisão ficarão entre si; aliás, como ocorre nas resoluções dos conselhos econômicos que controlam, no Estado totalitário, a criação e a gestão das empresas. (...) Mais importante do que a repetição do nome, então, é a subvenção dos meios ideológicos. Na medida em que a pressão do sistema obrigou todo produto a utilizar a técnica da publicidade, esta invadiu o idioma, o “estilo”, da indústria cultural. (...) A publicidade converteu-se na arte pura e simples, com a qual Goebbels identificou-a premonitoriamente, *l’art pour l’art*, publicidade de si mesma, pura representação do poderio social. Nas mais importantes revistas americanas, *Life* e *Fortune*, o olhar fugidio mal pode distinguir o texto e as imagens publicitárias do texto e imagem da parte redacional. Assim, por exemplo, redacional é a reportagem ilustrada, que descreve entusiástica e gratuitamente os hábitos e os cuidados com o corpo de uma personalidade em evidência e que serve para granjear-lhe novos fãs, enquanto as páginas publicitárias se apoiam em fotos e indicações tão objetivas e realistas que elas representam o ideal da informação que a parte redacional ainda

se esforça por atingir. (...) Tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem. Tanto lá como cá, a mesma coisa aparece em inúmeros lugares, e a repetição mecânica do mesmo produto cultural já é repetição do mesmo slogan propagandístico. Lá como cá, sob o imperativo da eficácia, a técnica converte-se em psicotécnica, em procedimento de manipulação das pessoas.¹⁰

(...) A palavra que não é simples meio para algum fim parece destituída de sentido, e as outras parecem simples ficção, inverdade. Os juízos de valor são percebidos ou como publicidade ou como conversa fiada. (...) A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente. Ela se esgueira com maestria entre os escolhos da informação ostensivamente falsa e da verdade manifesta, reproduzindo com fidelidade o fenômeno cuja opacidade bloqueia o discernimento e erige em ideal o fenômeno onipresente. Para demonstrar a divindade do real, a indústria cultural limita-se a repeti-lo cnicamente.¹¹

(...) A máquina gira sem sair do lugar.¹²

Outra ordem de objetos, valores e práticas de existência, simplesmente não encontra representação na avaliação geral da vida social, pactuada entre Estados e mercado, a não ser, talvez, como a nova cultura fetichista e de espetáculo da vanguarda

10 Theodor Adorno e Max Horkheimer. “A indústria cultural”. In: *Dialética do esclarecimento* (1946), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 151-153.

11 *Idem*, p. 138.

12 *Idem*, p. 126.

estética, também ela expandida – alavancada – nos anos 2000 ao nível de seu próprio mercado do espetáculo global, e, por sua vez, muito bem articulada à ordem geral do consumo. A degradação da arte da época em máquina de entretenimento e bons negócios, leve e cínica, em uma espécie de *commodity* simbólica para fundos de investimento e especulação, mais ou menos como a música pop mais geral, é o saldo verdadeiro da obra que caminha entre *a vanguarda e o conformismo*. A expansão do PIB, como se tornou critério quase único de valor vindo do todo, inclusive para os novos artistas industriais e para o campo da estética, não coincide com a qualidade muito rebaixada da vida de mercado, das populações mundiais diminuídas ao desejo de *gadgets*, mas a fixa universalmente, de modo a não haver espaço para a operação de um desejo histórico de outra natureza.

Não deixa de ser curioso que, cinco longos anos após a bancarrota, e com a falência econômica e política muito prolongada da Europa, economistas como Stiglitz ou Jeffrey Sachs comecem finalmente a falar da necessidade de complemento da medida social absoluta do PIB com um indiferente *índice de felicidade bruta*, de caráter subjetivo e humanista, proposto à história pela potência mundial da felicidade que é o Botão... No momento histórico em que o mercado de derivativos, e seu mundo hiperfetichista, orientado em absoluto pelos bônus dos reprodutores, dissolve, na velocidade dos toques de botão, realidades e estruturas de países inteiros, deixando imensas massas de populações nacionais vivendo à míngua de quase tudo, e deste modo bastante *infelizes*, os economistas *liberais humanistas* tentam uma última saída estética e comportamental, reativa e compensatória, em uma nova espécie de *contracultura oficial*, planejando novas categorias a serem manipuladas, para dar variação de ponto de vista à ordem unificada claramente catastrófica do capitalismo em pleno voo.

Assim agora salvar-se-á o mundo do sistema da mercadoria universal criando-se, do nada, alguns valores alternativos e relativizantes, mas, evidentemente, sempre dentro dele... É a contrapartida contemporânea regredida do antigo socialismo utópico, um novo *liberalismo utópico*. E é curioso que não ocorra a ninguém que o índice de felicidade seja facilmente manipulável, como de fato o é totalmente nas sociedades liberais de indústria cultural, exatamente se considerarmos o estado de interpenetração e controle da esfera da comunicação social pelo poder mercado-estatal.

De fato, há muito o mundo parece girar em falso, articulando uma crise geral da lucratividade industrial, após o desgaste final do incremento da produtividade dado pela revolução informático eletrônica dos anos 1970 e 1980 e da titânica transposição do mercado de trabalho industrial mundial para o leste asiático, com desregulações financeiras e reengenharias empresariais generalizadas, com a configuração total da vida para as práticas gerais de mercado, que, com o grande desemprego estrutural central se mantêm sempre de modo instável, e a tentativa constante de criar polos de crescimento planejados e artificiais da própria economia, aquilo a que Robbert Brenner chamou bem de *keynesianismo do mercado de ações*.

Deste modo, o capitalismo central pós-industrial, de ampla sociedade de consumo do final do século XX chega quase à estrutura mínima do seu eterno retorno, torna-se inteiramente financeiro, enquanto suas democracias, como aprendemos dolorosamente, se tornam frágeis falácias bem dirigidas, balcão de negócios do sistema internacional de ganhos, infladas ou esvaziadas pela pulsação e o desejo do dinheiro global sobre elas.

E então, desde a década de 1990, até o primeiro *crash* geral, menor, mas já muito grave, do ano de 2001, o sistema do mercado

parece ter se fixado em uma ordem de *economia das bolhas*, e de modo espetacular, politicamente controlado e hegemônico sobre a cultura que produz, parece vir acelerando mais e mais os termos de seu imenso potencial destrutivo, em uma globalização a contrapelo da catástrofe, para si próprio e para os mundos e economias reais, para as meras nações, a ele articulados. Tal ordem das coisas conheceu uma coordenação estatal financeira que chegou no período a configurar a ideia do Império, de Toni Negri, tamanha a ordem de concentração e de eficácia na dominação em que implicava. Poder concentrado de caráter imperial da fusão estado mercado no novo estado financeiro, globalização e instabilidade econômica mundial, são todas faces de um mesmo e único processo histórico:

Atividades de negociação não significavam investimentos de longo prazo neste ou naquele título, mas comprar e vender ativos reais e financeiros para explorar – até mesmo *gerando* – diferenças de preço e variações de preço. Este tipo de ‘arbitragem’ especulativa tornou-se uma das atividades centrais não apenas de bancos de investimento, mas também de bancos comerciais. O mesmo ocorreu com o esforço para gerar bolhas nos preços de ativos. Repetidamente Wall Street podia entrar num mercado em particular, gerar uma bolha de preços, auferir grandes lucros provenientes de especulação e então se retirar, estourando a bolha. Este tipo de atividade era muito fácil nas chamadas economias emergentes com mercados pequenos de ações ou de títulos de dívidas. Os bancos de Wall Street ganharam muita experiência em inflar essas bolhas nos mercados de ações poloneses, checos ou russos nos anos 1990 e depois estourá-las, gerando muitos lucros. A bolha ponto.com nos Estados Unidos mostrou então como a mesma operação poderia ser realizada no

centro sem prejuízo significativo para os bancos de Wall Street (diferentemente de alguns operadores europeus, notadamente as companhias de seguros, ansiosas por lucrar com as bolhas, mas atingida por seu estouro.) (...) Tanto os reguladores de Washington quanto de Wall Street aparentemente acreditavam que, juntos, conseguiriam administrar os estouros. Isso significava que não havia necessidade de evitar que essas bolhas ocorressem: ao contrário, é óbvio e patente que tanto os reguladores quanto os operadores ativamente geraram-nas, sem dúvida acreditando que uma das formas de administrar estouros era inflar outra bolha dinâmica em outro setor: depois da ponto.com, a bolha imobiliária; depois, uma bolha nos preços de energia, ou em mercados emergentes, etc. Isso parece implicar uma autoridade financeira formidavelmente centralizada operando no coração desses mercados. De fato: o Novo Sistema de Wall Street era dominado por apenas cinco bancos de investimento, reunindo mais de US\$ 4 trilhões em ativos e capazes de requisitar ou literalmente mover outros trilhões de dólares das instituições por trás deles, tais como bancos comerciais, os fundos monetários, os fundos de pensão, e assim por diante. O sistema estava muito distante do mercado descentralizado, com milhares de atores, todos obedientes aos preços que lhes são impostos, retratado pela economia neoclássica. De fato, os sistemas de crença operantes no que pode ser chamado de Greenspan-Rubin-Paulson *milieu* pareciam ser pós-minskianos. Eles entendiam a teoria de Minsky sobre bolhas e estouros, mas acreditavam que pudessem usá-la estrategicamente para inflar bolhas, estourá-las e administrar o resultado inflando mais algumas.”¹³

13 Peter Gowan. “Crise no Centro. Consequências do Novo Sistema de Wall

Este foi o movimento técnico ideológico em sua configuração acabada. Todavia ele também se radicava em um movimento mais amplo em relação aos impasses da chamada *economia real*, a qual passou gradualmente a dominar e substituir como centro produtor de riqueza. Vejamos como isto se deu, a fantástica instauração estatal-financeira pós-moderna do *mercado das bolhas*, na construção do especialista que escapava ao controle ideológico dos interesses de mercado nacional, no caso da economia norte americana, e global. Vejamos o processo do ponto de vista de *uma macroeconomia global*:

De 1997 em diante a taxa de lucro industrial dos Estados Unidos voltou a sofrer um grande declínio. Mas, embora caísse a lucratividade industrial, o mercado de ações norte americano decolou. De início, sua alta foi impulsionada por uma queda acentuada dos juros de longo prazo em 1995, o que resultou numa entrada enorme de dinheiro dos governos do leste da Ásia no mercado financeiro norte-americano, forçando o dólar a subir. Esta alta foi sistematicamente mantida até o fim da década pelo regime de dinheiro fácil de Allan Greenspan no Fed, que se recusou a elevar os juros entre o início de 1975 e meados de 1999 e auxiliou com todo vigor o mercado de títulos com injeções de crédito ao menor sinal de instabilidade financeira. Greenspan tinha total consciência do impacto depressivo sobre a economia das ações de Clinton para equilibrar o orçamento e da nova decolagem do dólar. Portanto, buscou o efeito riqueza do mercado de ações para compensá-lo, alavancando o crédito empresarial e familiar e, assim, a demanda de consumo

Street”, *op.cit.*, p. 52.

e investimentos. Na verdade o Federal Reserve substituiu o aumento do déficit público, que fora tão indispensável para o crescimento americano na década de 1980, pelo aumento do déficit privado na segunda metade da década de 1990 – um tipo de ‘keynesianismo do mercado de ações’.¹⁴

A estratégia era manter uma economia industrial em crise de lucratividade, ou seja, de realização final do próprio capital, em franco processo de desindustrialização, com algum aquecimento *financiado*, mas não de efeito produtivo, que chegou a manifestar partes expressivas do PIB, o que passou no período a se chamar *alavancagem*, do alto consumo e do dinheiro excedente, que acabou por realizar dois ciclos gigantescos e contínuos de bolhas financeiras, investimento em falso, ou seja, dinheiro usado para *simular a existência de uma economia*, na verdadeira ausência de uma real.

O ciclo de aquecimento insólito, bolha, da economia *ponto.com* do início dos anos 2000 foi substituído pelo ciclo da multiplicação da riqueza no mercado de *hedge funds*, dos negócios multiplicáveis ao infinito da negociação de dívidas *subprimes* imobiliárias e os negócios da sua securitização, cujo resultado final é bem conhecido de todos. Todavia, o que se sustenta aqui é que não apenas o resultado final é bem conhecido hoje, mas que o resultado final era bem conhecido *desde sempre*, era de fato um *resultado inicial* de um sistema que simplesmente recusa estruturalmente relação com a sua verdade.

As noções óbvias a despeito da concentração insustentável

14 Robert Brenner. “Novo boom ou nova bolha?” (2004). In: *Contragolpes – Seleção de artigos da New Left Review*. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006.

e irresponsável de dinheiro e de decisões, desregulamentadas, e suas contradições sobre o espaço total da vida humana podiam vir claramente, já de mais longa data, de um pensador crítico, com o melancólico tom da profecia repetitiva, desde sempre confirmada, que faz dos homens uma espécie de autômatos:

Os custos prévios em capital financeiro para uma produção rentável crescem incessantemente, tanto na empresa individual quanto na totalidade social: cada vez mais empresas, bem como regiões e países inteiros, não mais saberão como respirar: há de ser gerado um desemprego em massa cada vez maior. A espiral da crise da autocontradição estrutural põe-se a girar. Os Estados e o sistema financeiro comercial procuram empurrar com a barriga a crise estrutural da economia de mercado, ao criarem um capital financeiro fictício, que não tem mais bases no processo de geração de valor no capital produtivo. Isso é feito através de mecanismos de crédito e através da especulação. O Estado suga dinheiro de poupanças através de empréstimos voluntários ou compulsórios, que em parte não honra mais, ou deixa evaporar (zerando a dívida mediante perdas na moeda) ou financia-se diretamente através da impressora de notas de dinheiro. Os bancos financeiros jogam liquidez na sociedade, à medida que abrem as comportas da criação de dinheiro no sistema bancário (queda da taxa de juros para empréstimos, *desregulamentação* dos mecanismos de controle, como, por exemplo, reservas cambiais mínimas etc.). Daí as empresas, bem como as pessoas físicas, já não investem de modo rentável os lucros disponíveis nas especulações em ações ou imóveis: assim que esta se encontra outra vez aquecida, conduz a monstruosas valorizações fictícias e transforma-se em incontrolável máquina de gerar dinheiro. Todos estes mecanismos, na década de 80,

foram forçados pelo mundo inteiro em escalas diferentes, tendo encenado um *boom* aparente e improdutivo. A outra face do desemprego estrutural de massa, ou seja, o encolhimento do mercado de colocação de produtos, fica escamoteado através de um poder de compra improdutivo, criado artificialmente. Sobre isso é que repousava não só o *boom* do luxo dos anos 80, e com ele toda a conectada e leviana ideologia *yuppie*, mas também o crescimento generalizado do consumo governamental, a aparente capacidade de investimento de muitos empresários e grande parte dos rendimentos. (...) A crise da reacumulação, jogada mais adiante e, a rigor, ameaçando desde o final da década de 70, mostra-se já nos sistemas financeiros nacionais e internacionais. A explosão da bolha da especulação, que em sua fase tardia ainda se alimenta apenas de crédito, conduz a ondas de bancarrotas e a enormes amortizações. Não só nos dois *crashes* da bolsa, de 1987 e de 1989, os bancos de títulos tiveram que inventar desesperadamente liquidez, gastando toda a sua *pólvora*. As crises da dívida, interna e externa dos Estados estão amadurecendo. Desde meados dos anos 80, ouvem-se os seus estalos nos sistemas bancários nacionais e internacionais, na Escandinávia, no sul da Europa e na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Japão, na América Latina e no Oriente próximo. Torna-se necessária uma ação emergencial e de sustentação após a outra. A crise financeira do pseudocrescimento à base de endividamento rebate, desde 1991, diretamente na conjuntura mundial e, com isso, na ocupação mundial de mão de obra. O movimento cíclico repercute negativamente, e muitas vezes reforçado por ressonância: limitação estrutural do sistema de mercado, retração periódica e crise financeira da endividada liquidez aparente conjunam-se na direção de uma crise global. Uma maré mundial de retração de encomendas, estornos,

drásticas perdas de lucros e paralizações de atividades ameaça agudizar-se no sentido de uma depressão generalizada, em que a olho nenhum hão de ser poupadas as lágrimas.¹⁵

A precisão e o maior acerto destas palavras, escritas em 1993, com o destino real das coisas do dinheiro mundial, demonstra como o pensamento crítico, ao contrário do que a ideologia dos interesses cotidianos apregoa, *acompanha a realidade muito de perto*.

O trabalho da crítica não apenas projeta um horizonte utópico daquilo que a razão humana adiou de trabalho histórico necessário, como reconhece com clareza a natureza concreta do mal presente, o que importa pensar e trabalhar por transformação. Bem ao contrário da ideologia radical dos homens que negavam a destrutividade real do mundo que dirigiam, como Paulson, Bernanke ou XXX que, senhores de lucros bilionários, e já instalados em pleno abismo da própria razão cínica, com o seu mundo de corrupção controlada já plenamente acabado, simplesmente continuavam a dizer, como pensamento mágico formalmente regredido, que *nada estava acontecendo* no sistema mundial do capitalismo financeiro, concentrado em Wall Street, mas com suas esquinas espalhadas pelo mundo.

Estes homens, e seu circuito global comprado e bem pago de sustentação simbólica, que quebraram o mundo produtivo e os países, os EUA, a Europa, a Islândia, a Grécia, Portugal, Espanha, Itália e Holanda¹⁶, e outros países cujo nome não pode ser dito,

15 Robert Kurz. “As luzes do mercado se apagam: as falsas promessas do neoliberalismo ao término de um século de crise”. In: *Revista Estudos Avançados USP*, no. 18, 1993, pp. 12-13.

16 “O ‘capitalismo democrático’ do pós-guerra estabeleceu uma contradição

e que não conheceram nenhuma punição para a natureza tida por automática de seu mal – do mesmo modo que se recusam a conhecê-lo – a não ter o mínimo constrangimento moral de serem chamados em algum trabalho de astuciosos extremados que se tornaram plenos idiotas, e que, dada a apatia e anestesia geral, ainda simplesmente continuam no poder, dando clara medida do que é a verdade da democracia liberal capitalista, poderiam comparar o resultado das falácias dadas por ciência, *suas fraudes nada inocentes*, com o acerto do pensamento crítico, e considerar o *divórcio definitivo existente entre pensamento e o interesse realizado do dinheiro*.

Mas, a cultura geral capitalista se afirma mesmo como gesto de força, ação real da repressão e do convite à regressão, produtor irremediável, entre outras coisas, de cinismo para os senhores e de relações sadomasoquista e de subserviência para os dependentes e agregados simbólicos mundiais, os que dependem de um emprego na cultura do risco. E, se o pensamento crítico, vindo de longe, é insuportável para a consciência saturada dos interesses do puro dinheiro, que se divorciou há muito do mundo da vida humana, então vejamos ainda uma avaliação mais próxima do seu próprio universo, feita às vésperas da grande depressão do final da década de 2000. Trata-se exatamente da leitura econômica do seu último

fundamental entre os interesses dos mercados de capitais e os dos eleitores, uma tensão que foi sucessivamente deslocada por um processo insustentável de ‘empréstimo do futuro’, década após década: a partir da inflação dos anos 1970, por meio da dívida pública da década de 1980, da dívida privada da década de 1990 e início de 2000, até finalmente explodir na crise financeira de 2008. Desde então, a dialética entre democracia e capitalismo vem se revelando em uma velocidade vertiginosa.” Wolfgang Streeck. “Markets and people”. In: *New Left Review*, 73, janeiro/fevereiro, 2012.

e real suspiro especulativo, a bolha do mercado imobiliário, que não era, em absoluto, desconhecida:

A explicação da bolha imobiliária parece bastante clara. À medida que os acionistas acumulavam riqueza com a expansão do mercado de ações, podiam buscar casas mais caras com mais rapidez do que era possível fornecê-las. Assim, com o aumento do preço das casas, os compradores se dispunham a pagar quantias cada vez maiores pelos imóveis, supondo que seu valor continuaria subindo, como no mercado acionário. Quando o mercado acionário caiu e a expansão terminou em 2000, a bolha imobiliária se manteve graças em parte à redução de juros determinada pelo Fed, mas também pela transferência de recursos das ações para o mercado imobiliário, em especial num cenário de retornos reduzidíssimos dos empréstimos a juros. (...) Entre a época do pico do mercado de ações em 1999 e seu ponto baixo no primeiro trimestre de 2003, o valor dos imóveis habitacionais aumentou ainda mais depressa, com os preços subindo numa taxa anual média 5% mais alta do que os preços ao consumidor. Na verdade, o preço real das habitações cresceu mais nesses anos do que em qualquer outro período comparável registrado. (...) Na esfera dessa imensa valorização de seus imóveis no papel, as famílias conseguiram obter recursos muitíssimo maiores com a venda da casa a um preço que ultrapassava a dívida hipotecada, com o refinanciamento das hipotecas e empréstimos garantidos pelo imóvel, com consequências enormes para o crescimento do consumo e, por sua vez, do PIB. (...) Em 2001, 2002 e na primeira metade de 2003, as vendas de imóveis atingiram recordes nunca vistos de US\$ 6,2 trilhões, US\$ 6,6 trilhões e US\$ 7 trilhões. O mesmo aconteceu com o refinanciamento das hipotecas, com valores

respectivos de US\$ 1,2 trilhão, US\$ 1,6 trilhão e US\$ 3 trilhões. Em 2001, 2002 e na primeira metade de 2003, os recursos oriundos de hipotecas chegaram, respectivamente, a espantosos 5%, 7,7% e 9% da renda pessoal disponível nos Estados Unidos, desempenhando enorme papel na manutenção dos gastos do consumidor, depois de um declínio radical do crescimento do consumo. Segundo o Fed, as famílias usaram mais ou menos 50% desses recursos para financiar o aumento das despesas com todo tipo de consumo, de reforma da casa a compra de veículos, viagens de férias, educação, despesas médicas – e, no caso de algumas famílias em dificuldades, até mesmo despesas gerais de sobrevivência. Enquanto isso, cerca de um terço do dinheiro foi usado para pagar dívidas de cartões de crédito e outras prestações com juros mais altos, liberando renda para mais consumo. (...) Desde o final de 2000, o dinheiro obtido mediante apenas o refinanciamento de hipotecas foi responsável por, pelo menos, 20% do crescimento total do PIB. (...) Mas é difícil ver como será possível que esse nível de obtenção de recursos não sofra uma queda acentuada em futuro não muito distante.¹⁷

Estas palavras foram escritas em 2003. De fato, com a agregação dos campos desregulados de produtos financeiros a esta dinâmica fictícia de geração de renda e consumo, com a criação dos novos e *avançados* derivativos que revendiam as dívidas impagáveis das hipotecas particulares, gerando mais lucro fictício para o capital abstrato global, em conjunto com os seguros que também apostavam contra o seu pagamento, e faziam mais dinheiro, esta imensa bolha prosseguiu se multiplicando até o seu

17 Robert Brennan, *op.cit.*, p. 137.

final sabido, catastrófico e melancólico, com a realização sumária de lucros, perda em massa das casas, desemprego generalizado e com a imensa nova rodada de chantagem política aos governos nacionais acuados, como acabou por se configurar no *crash* global de 2008.

Embora, como temos indicado, o processo de formação da bolha e suas consequências futuras de catástrofe sobre o mundo da vida fosse absolutamente conhecido, podemos lembrar ainda uma vez o modo como os senhores desta produção e deste lucro fictício – e que de fato lucraram centenas de milhões de dólares em bônus sugados ao processo, aos quais se sentiram desobrigados a ressarcir, justificados sobre o sagrado conceito da propriedade privada... – trataram, ou de fato não trataram de modo algum, do problema:

O Banco Central, presidido inicialmente por Alan Greenspan e depois por Ben Bernanke, e os outros reguladores silenciaram e deixaram tudo isso acontecer. Alegaram que era impossível saber de uma bolha antes que esta estourasse, e, mesmo se o soubessem, não havia nada que pudessem fazer. Estavam errados em ambos os casos. Poderiam, por exemplo, ter trabalhado em favor do pagamento de entradas mais altas para compra de casas ou requerido margens mais altas na compra e venda de ações, medidas que teriam diminuído a pressão sobre esses mercados superaquecidos. Mas preferiram não fazê-lo. O pior é que Greenspan talvez tenha tornado a situação mais grave ao permitir que os bancos passassem a dar empréstimos cada vez mais arriscados e encorajando as pessoas a contrair hipotecas de taxas variáveis, cujos pagamentos poderiam facilmente explodir, como de fato aconteceu, o que levou até famílias de classe média à inadimplência. Os que defendiam a

desregulamentação – e continuam a fazê-lo apesar de todas as consequências evidentes – afirmam que os custos da regulação superam os benefícios. Com os custos globais (orçamentários e reais) da crise subindo aos trilhões de dólares, é difícil compreender como esses indivíduos continuam a manter tal posição. Eles alegam, contudo, que o custo real da regulação é o de sufocar as inovações. A triste verdade é que, nos mercados financeiros dos Estados Unidos, as inovações se limitaram a buscar contornar as regulações, os padrões de contabilidade e a cobrança de impostos. Criaram produtos tão complexos que tiveram por efeito aumentar os riscos e as assimetrias na informação. Não é estranho, portanto, que seja impossível atribuir a ocorrência de qualquer aumento sustentado no crescimento econômico (além da bolha para qual eles contribuíram) a essas inovações financeiras. Ao mesmo tempo, os mercados financeiros não inovaram em ações que teriam ajudado os cidadãos comuns nas tarefas simples de avaliar os riscos da compra de uma casa. As inovações que teriam ajudado as pessoas e os países a administrar os outros riscos importantes que enfrentavam foram, na verdade, combatidas. (...) O mais importante, porém, é que, com um sistema bancário que funcionasse bem e que fosse bem regulado, o dinheiro barato poderia ter levado a um pico de crescimento, como aconteceu em outros lugares, em outros tempos. (Do mesmo modo, se as agências de classificação de risco houvessem cumprido bem o seu papel, os fundos de pensão e outras instituições teriam comprado menos hipotecas e o tamanho da bolha poderia ter sido acentuadamente menor. Isso também poderia ter ocorrido mesmo que as agências de classificação de risco fizessem um trabalho tão ruim como o que de fato fizeram, desde que os próprios investidores analisassem os riscos adequadamente.)

Em suma, a crise alcançou a magnitude que vimos devido a uma combinação de fracassos.¹⁸

E ainda, na lógica aberta da perversão, da *fraude consentida e efetivada* para o gozo particular dos que ganham tudo com ela, e mesmo que isto acabe com o mundo, na lógica fundamental que inverte o valor de tudo, os senhores e *ganhadores* deste processo puderam, no último momento, culpar a esfera da lei simbólica, a própria regra que eles próprios corromperam, pelos resultados de suas práticas armadas e defendidas até as raiais do absurdo mais violento e destrutivo:

Em um ato que pode ser descrito como tremenda ingratidão com os que os salvaram no leito de morte, muitos banqueiros acusam o governo – cuspiendo no prato que comem – por não ter impedido sua própria ação, como o menino que, ao ser apanhado roubando doce na loja, culpa o dono, ou a polícia, por não ter prestado atenção, dando assim a impressão de que ele poderia ficar com o doce. O argumento é ainda mais incongruente porque os mercados financeiros efetivamente haviam *pagado* a polícia para não olhar. Eles conseguiram derrotar as tentativas de regular os derivativos e restringir as concessões de empréstimos predatórios. A vitória que alcançaram sobre os americanos foi total. Cada vitória lhes dava mais dinheiro e com isto mais influência no processo político. E eles ainda tinham o argumento adicional de que a desregulação lhes trouxera mais dinheiro – e dinheiro é a marca do êxito: como foi provado.¹⁹

18 Joseph Stiglitz. *O mundo em queda livre*, p. 44-45.

19 *Idem*, p. 46.

Voltamos assim ao início de nosso argumento, ao controle pelo núcleo perverso do puro capitalismo financeiro – o último estágio possível das metamorfoses do capital conforme Marx – da totalidade do *continente* do mundo simbólico que o sustenta, e que sem nenhum controle, como sempre aspira a ser, trata historicamente de destruir, no último gesto de verdade que de fato conhece.

A passagem é importante, e voltaremos a ela, por revelar a natureza interna da lógica perversa, de todos os pesos e de todas as medidas para o interesse e o gozo dos senhores, e por revelar, a contrapelo, que subjacente ao processo de controle simbólico e de expropriação de riqueza do capitalismo financeiro total, habita uma real luta de classes, que, porém, está desmobilizada e mal pode ser discriminada, ou, nos termos mais concretos do autor, “a derrota total dos americanos”, e que, mesmo derrotados, são ainda os únicos cidadãos de primeira classe, em relação a derrota mais ampla do mundo nos mesmos movimentos. Ou, como disse singelamente, mas com boa intuição, Warren Buffet, o megainvestidor que se tornou um mito no período nos Estados Unidos por ter sido um dos que mais ganhou exatamente neste jogo, “a luta de classes existe, e a minha classe está vencendo”...

E, ainda, os operadores simbólicos, jornais e televisões, revistas e seus comentaristas, também *bem pagos para não avaliar e para negar a realidade das coisas*, fez simplesmente parte da verdade do mal geral; ou nas singelas palavras recentes de um jornalista financeiro internacional, que, como todos os outros, participou muito ativamente do rebu neoliberal explosivo geral:

A crise deu a alguns comentaristas econômicos fama mundial. Um deles é Martin Wolf, do “Financial Times”. Conversei com ele dias atrás em Istambul. ‘Que aspectos da crise o surpreenderam?’, perguntei.

Martin Wolf: O pouco capital próprio dos bancos para o risco que assumiam. Eu tinha voltado toda a minha atenção à macroeconomia e não vi o que acontecia com a microeconomia. É o maior erro da minha carreira. Outro erro foi não ter me dado conta de quão fracos eram os controles dos bancos.

Pergunta: Que responsabilidade têm os jornalistas nesta crise?”

MW: Cometeram muitos erros de omissão. Deveriam ter sido muito mais agressivos e rigorosos na fiscalização dos bancos. O problema é que, em geral, os jornalistas sabem pouco de economia e finanças.

Pergunta: Mas os economistas mais renomados também não previram a crise e não entraram em acordo sobre como geri-la?

MW: Nouriel Roubini alertou sobre as bolhas nos preços de ativos financeiros e sua relação com o endividamento e viu que a mistura era explosiva. Robert Schiller analisou melhor que ninguém o setor imobiliário. E Raghuram Rajan soou o alarme sobre a fragilidade do setor financeiro e sua ameaça à estabilidade global. Mas houve muitos outros. E a verdade é que a economia ortodoxa mostrou não ter utilidade para explicar o que acontece.²⁰

Ou ainda, por fim, de um crítico atento ao primeiro momento da crise, o empresário da nova economia digital e cineasta Charles Ferguson, que revelou em primeira mão com seu documentário *Inside job* e com muita precisão a realidade e a profundidade do

20 Moisés Naim. “Volta ao mundo com Martin Wolf”. In: *Folha de S. Paulo*. 29/06/2012, p. A20.

vínculo corrupto entre a universidade americana e o interesse direto dos bancos globais, uma das estruturas concretas produtora da catástrofe, que vai se revelando de natureza cínica, ou sádica, tanto faz:

Meia dúzia de firmas de consultoria, vários birôs de palestrantes e diversos grupos de lobby de setores diferentes mantêm grandes redes de acadêmicos de aluguel, com o objetivo de defender os interesses desses grupos em discussões sobre políticas e regulamentação. Os principais setores envolvidos são energia, telecomunicações, saúde, agronegócio e, sem dúvida, o setor de serviços financeiros. (...) O economista Glenn Hubbard, por exemplo, virou reitor da Columbia Business School em 2004, pouco depois de deixar o governo de George W. Bush, no qual trabalhou no Departamento do Tesouro e foi o primeiro presidente do conselho de Assessores Econômicos do presidente, entre 2001 e 2003. (...) Em novembro de 2004, ele escreveu um artigo espantoso em coautoria com William C. Dudley, então economista chefe do banco de investimentos Goldman Sachs. O artigo em questão, ‘Como os Mercados de Capitais Elevam a Performance Econômica e Facilitam a Geração de Empregos’, merece ser citado. Vale lembrar que estamos em novembro de 2004, com a bolha já bem encaminhada: ‘Os mercados de capitais têm ajudado a tornar o mercado imobiliário menos volátil. Arrochos de crédito do tipo que, periodicamente, fecharam a oferta de recursos aos compradores da casa própria são coisas do passado’. Hubbard se negou a dizer se foi pago ou não para escrever o artigo. E se negou a me fornecer sua declaração mais recente de conflitos de interesse financeiros com o governo, documento que não pudemos obter porque a Casa Branca o destruiu. Hubbard recebeu US\$ 100 mil para depor na

defesa criminal dos dois gerentes do fundo hedge (de alto risco) Bear Stearns, processados por envolvimento com a bolha; eles foram absolvidos. No ano passado Hubbard se tornou assessor econômico sênior da campanha presidencial de Mitt Romney, o pré-candidato republicano à Presidência dos EUA.²¹

Já vimos Robert Kurz, Kenneth Galbraith, Robert Brenner e Joseph Stiglitz indicarem previamente ao longo do processo histórico que levou ao crash os termos de sua equação, que se tornava historicamente cada vez mais clara e precisa. Talvez este pequeno conjunto de pensadores críticos e economistas keynesianos não tivessem voz suficiente para intervir no processo que reconheciam de fato. Martin Wolf lembrou ainda as vozes negativas de Nouriel Roubini, Raghuram Rajan e Robert Shiller, que também anteciparam o crash financeiro e moral do *sistema de Wall Street*. O fato é que o processo andava pela sua própria força e sempre contra qualquer avaliação racional de verdade.

E talvez os senhores do apocalipse financeiro pudessem dizer que eram muito poucas as vozes que de fato os contradiziam, considerando a própria eficácia simbólica da sua ampla corrupção dos sentidos, bem financiada, como Galbraith, Stiglitz e Ferguson indicaram. E, no entanto, Dirk Bezemer, economista da Universidade de Groningen, na Holanda, listou, no imediato pós-

21 E Ferguson prossegue demonstrando o mesmo tipo de promiscuidade entre academia e mercado comentando o caso igualmente escandaloso de Larry Summers, de Harvard, mas também do governo americano, mas também ponta de lança da desregulamentação interessada do sistema financeiro americano, e que, no governo Obama se opôs a medidas fortes para punir ou limitar a receita de banqueiros. Em “Silêncio ensurdecedor”, capítulo do livro *Inside job* lançado em 2012 no Reino Unido, apud: *Folha de S. Paulo, Ilustríssima*. 27/05/2012, p. 6.

crise, *doze* economistas e analistas – ainda para além dos quatro citados aqui – em posições institucionais e universidades centrais que afirmaram abertamente a inexorável verdade da imensa crise financeira mundial iminente.

Em seu artigo, no qual defende a leitura estrutural de fundo keynesiano de análise de entradas de macroagregados econômicos, frente ao modelo de transparência de informações de um mercado autorregulado e autocontrolado por seus próprios agentes, Bezemer elaborou o seguinte quadro sobre os homens que fizeram bem as contas, que de fato sabiam onde as contas estavam, e tiveram liberdade para dar nome à verdade contra o controle estrito do novo estado financeiro.

A tabela inclui o nome do economista, sua instituição e o núcleo da avaliação de previsão sobre a crise:

Dean Baker, US co-director, Center for Economic and Policy Research : “ ...plunging housing investment will likely push the economy into recession.” (2006)

Wynne Godley , US Distinguished Scholar, Levy Economics Institute of Bard College: “The small slowdown in the rate at which US household debt levels are rising resulting from the house price decline, will immediately lead to a ...sustained growth recession ... before 2010”. (2006). “Unemployment [will] start to rise significantly and does not come down again.” (2007)

Fred Harrison, UK Economic commentator: “The next property market tipping point is due at end of 2007 or early 2008 ...The only way prices can be brought back to affordable levels is a slump or recession” (2005)

Michael Hudson, US professor, University of Missouri: “Debt deflation will shrink the “real” economy, drive down real wages, and push our debt-ridden economy into Japan-style stagnation or worse.” (2006)

Eric Janszen, US investor and *iTulip* commentator: “The US will enter a recession within years” (2006). “US stock markets are likely to begin in 2008 to experience a “Debt Deflation Bear Market” (2007)

Stephen Keen, Australia associate professor, University of Western Sydney: “Long before we manage to reverse the current rise in debt, the economy will be in a recession. On current data, we may already be in one.” (2006)

Jakob Brøchner Madsen & Jens Kjaer Sørensen, Denmark professor & graduate student, Copenhagen University: “We are seeing large bubbles and if they bust, there is no backup. The outlook is very bad” (2005)” The bursting of this housing bubble will have a severe impact on the world economy and may even result in a recession” (2006).

Kurt Richebächer, US private consultant and investment newsletter writer: “The new housing bubble – together with the bond and stock bubbles – will invariably implode in the foreseeable future, plunging the U.S. economy into a protracted, deep recession” (2001). “A recession and bear market in asset prices are inevitable for the U.S. economy... All remaining questions pertain solely to speed, depth and duration of the economy’s downturn.” (2006)

Nouriel Roubini, US professor, New York University: “Real

home prices are likely to fall at least 30% over the next 3 years“(2005). “By itself this house price slump is enough to trigger a US recession.” (2006)

Peter Schiff, US stock broker, investment adviser and commentator: “[t]he United States economy is like the Titanic ...I see a real financial crisis coming for the United States.” (2006). “There will be an economic collapse” (2007).

Robert Shiller, US professor, Yale University: “There is significant risk of a very bad period, with rising default and foreclosures, serious trouble in financial markets, and a possible recession sooner than most of us expected.” (2006)²²

Creio que estas referências são suficientes para a caracterização de uma outra crise, tão violenta quanto a econômica, que se revelou no crash de 2008, a verdadeira crise simbólica do mundo ultraliberal, *de todo o poder ao mercado*.

Giles Deleuze tinha razão quando afirmou que o capitalismo *alucinava de modo próprio*, e que esta alucinação não era efeito de uma ilusão, ideologia, mas produto do seu próprio funcionamento concreto e real. Os fetichismos endógenos de uma cultura para o elogio constante da mercadoria em evolução e para a celebração exclusiva do dinheiro realizado levaram à regressão interessada da possibilidade de avaliação da evidente, e para muitos gritante, realidade do desequilíbrio econômico. Os ganhadores absolutos

22 Dirk J. Bezemer. “‘No one saw this coming’: Understanding financial crisis through accounting models”, (2009), em <http://mpira.ub.uni-munchen.de/15892/>.

na esfera do dinheiro, que determinavam amplamente o sentido de seu próprio mundo, o sustentaram até o instante da radical perda global geral, contra a percepção racional de muitos. Também, os que avaliavam corretamente as coisas eram sumariamente tachados de irracionais e ultrapassados pela própria dinâmica concreta infinita do dinheiro, autolegitimada e hegemônica sobre todos os aspectos. Joseph Stiglitz dá notícia deste embate político pelo sentido das coisas, na primeira das citações que recolhi acima: “No encontro de Davos de 2007 eu me vi em uma posição embaraçosa.” A crise simbólica e a estrutura geral de mentira afirmada da vida capitalista, realização onipotente de desejo, em seu novo tipo de ditadura consentida dos sentidos, era imensa e era real, mas *recusada* totalmente até o último segundo da história, permitindo ao psicanalista a construção de hipótese sobre o funcionamento estrutural do *psiquismo do capital*, seu modo de alucinar, realizado, de fato, em seus tipos mais puros, os homens dos bônus do dinheiro global e do consumo feticista que se quer universal.

O ponto central da situação implica um paradoxo fixado. As contradições são expressivas, reais, existentes e ativas na vida econômica humana e, no entanto, a avaliação da natureza do seu sentido deve ser sempre mitigada, esvaziada, tendente ao princípio geral da repetição, inconsciente. De um jogo de forças do sentido que poderia resultar em tensões mais amplas e criativas, de transformação efetiva na ordenação da vida, deve-se recuar ao mesmo princípio aceito desde sempre, mesmo que isto signifique pura destruição: que a sociedade de classes capitalista é a mais produtiva que existe, e que o constrangimento, o cinismo e o sadismo endógeno de uma cultura que alimenta o ódio por si própria com constância, é um preço baixo a pagar pela satisfação fixada dos seus senhores, e de seu circuito de agentes simbólicos

privilegiados.

O pacto da instância executiva do capital e sua proteção política, nos governos e na mídia, sua cortina de fumaça da propaganda e da autopropaganda, levou ao extremo a percepção de que o desejo de expansão do mercado financeiro global seria infinito, seria o significante mestre, *soldado*, e neste sentido o *fetice* mais puro, de toda verdade possível à vida humana. Não se podia dizer que esta era uma verdadeira máquina falha, composta de duas frentes unificadas: o *id financeiro* e o *superego governamental* capitalistas, cuja obra foi o império da mentira controlada e produtiva; duplicidade do jogo material dos ganhos abstratos, e de seus homens propaganda e seus governos de fachada a respeito destas coisas, bem como, no caso americano, a própria mídia, que pertence aos mesmos grupos financeiros e concebe o mundo com seus mesmos jogos.

A cisão simbólica subjetivamente interessada e o descompromisso com a produção social mais ampla, própria da ordem liberal capitalista chegou aqui ao extremo da crise de sua auto-implosão, da impossibilidade final de cindir e expulsar de si mesma a sua própria catástrofe. O ativo mecanismo da cisão política não podia mais fugir e negar o mal de sua própria produção social, que é o movimento negativo próprio da intensa produção capitalista. A expansão mundial do valor de troca não podia mais ser trocada por nada, desabando no real de um próprio abismo que liquidou o elemento virtual, alucinado, que o compunha. Alcançava-se o pleno regime do *colapso da modernização*, de Robert Kurz. Existem três posições psíquicas finais, agonísticas, que podemos considerar sobre todos aqueles que, ganhando o máximo em termos do dinheiro global disponível, recusaram o sentido da bolha financeira já avançada e sua explosão iminente, que de fato produziam.

A sua lógica de fundo é *perversa*, ancorada no gozo exclusivo do ganho particular, sobre o desprezo geral de qualquer outra ordem de razões, inclusive a *economia produtiva real*. Este seria o plano de força, biopolítico, da manutenção social da mentira, que mobiliza imensa energia. No entanto, alguns destes homens sustentaram com veemência, para salvarem a própria pele psíquica, nada saberem, e ser uma surpresa verdadeira para eles aquilo que acontecia em seu próprio mundo. Seriam, deste ponto de vista, *ingênuos* absolutos, embora homens econômicos radicais e de ponta, surpreendidos como em um *sintoma inconsciente* pelo que lhes era mais próprio, a natureza catastrófica de seu ganho contínuo. Nesta versão, que tenta *neurotizar* a perversão geral, o capitalismo passaria a funcionar definitivamente como o *sintoma inconsciente de seus agentes reais*, e caberia de fato, se isto fosse verdade, um grau mais radical de análise dialética e política de suas coisas no mundo. Ou por fim, em uma terceira posição, tratar-se-iam de *idiotas* instrumentais, que não são sujeitos de nada na maquinaria do seu mundo efetivo, que simplesmente anda sozinha. Homens da alienação e da crise da razão mais radical, que podem mesmo por tudo em risco, novas espécies de *terroristas internos* ao automatismo irracional capitalista.

Ora, antes da crise, “perversos” críticos, que querem mudar o mundo para pior, “ingênuos inócuos”, que acreditam em ilusões metafísicas de sentidos extramercado, ou “idiotas”, críticos regressivos, eram de fato os termos com que a ideologia cotidiana do homem do mercado neoliberal caracterizava o pensamento econômico político crítico, até 2008, o pensamento que trabalha pela transformação destas coisas. O inimigo interno do próprio capital, que se encastelou no pensamento crítico acadêmico da nova esquerda mundial, era pintado com as mesmas cores que, concretamente, no ato histórico final, caracterizaram o próprio

homem de mercado total. Sua crítica não era de fato uma crítica, mas aquilo que os psicanalistas chamam de uma *projeção*, uma defesa realmente muito primitiva, produtora de alucinação, contra o próprio sentido de si mesmo.

Passado o terror de anos de destruição de direitos em meio mundo, no mundo da vida, dos países e de populações reais, do rescaldo das cinzas de um mundo que implodiu levantam-se os velhos jogadores e os homens do poder de sempre, para realizar uma nova ordem igual, transformando o capitalismo autodestrutivo, autoterrorista, em uma espécie de lógica *fractal* infinita, em que ele sempre se expande como o mesmo, até a próxima catástrofe, agora promovida cada vez mais por seus principais sujeitos, os próprios ganhadores de tudo. Retorna a lógica da má pacificação, para a reposição do mesmo mal, um dia bem definida por Hannah Arendt:

Tudo era suficientemente real na medida em que ocorreu publicamente; nada havia de secreto ou misterioso sobre isso. E no entanto não era em absoluto visível para todos, nem foi tão fácil percebê-lo; pois no momento mesmo em que a catástrofe surpreendeu a tudo e a todos, foi recoberta, não por realidades, mas pela fala e pela algaravia de duplo sentido, muitíssimo eficiente, de praticamente todos os representantes oficiais que, sem interrupção e em muitas variantes engenhosas, explicavam os fatos desagradáveis e justificavam as preocupações. Quando pensamos nos tempos sombrios e nas pessoas que neles viveram e se moveram, temos de levar em consideração também esta camuflagem que emanava e se difundia também a partir do “*stablishment*” – ou do “sistema”, como então se chamava. Se a função do âmbito público é iluminar os assuntos dos homens, proporcionando um espaço de aparições onde podem mostrar,

por atos e por palavras, pelo melhor e pelo pior, quem são e o que podem fazer, as sombras chegam quando esta luz se extingue por “fossos de credibilidade” e “governos invisíveis”, pelo discurso que não revela o que é, mas o varre para sob o tapete, com exortações, morais ou não, que, sob o pretexto de sustentar antigas verdades, degradam toda a verdade a uma trivialidade sem sentido. Nada disto é novo.²³

É um princípio básico da autonomia crítica não acreditar no julgamento que o poder tem de si próprio.

23 Hannah Arendt. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 8.